

III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem  
XII Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul  
III Encontro dos Mestrados Profissionais em Educação e Letras

Tema: **IMPACTO DAS REFORMAS EDUCACIONAIS  
NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**UEMS, Campo Grande, Brasil - 06 a 08 de junho de 2018**



## **PRESSUPOSTOS E IMPLICAÇÕES DO(S) PROCESSO(S) DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO À LUZ DA LUDICIDADE**

Eliane Freitas Artigas Saraiva  
(UEMS – Campo Grande)

Patrícia Alves Carvalho  
(UEMS – Campo Grande)

**Resumo:** Este trabalho é um Projeto de Pesquisa que apresenta como universo de estudo, professores alfabetizadores da Escola Municipal Erso Gomes, localizada no município de Aquidauana – MS, e surgiu de algumas inquietações a partir de experiências vividas como professora, com turmas em processo de alfabetização. Assim, esse estudo surgiu a partir da seguinte pergunta norteadora: De que maneira se efetiva a prática do professor alfabetizador à luz da ludicidade? O objetivo desse estudo é analisar a influência dos recursos didáticos utilizados na prática pedagógica do professor alfabetizador na perspectiva da alfabetização e letramento, refletindo a relação entre teoria e prática, reconhecendo, valorizando e resgatando o sentimento de infância por meio da ludicidade. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, cujos procedimentos metodológicos incluem: levantamento da bibliografia sobre o tema, elaboração e busca pelas autorizações e termos para a realização da pesquisa, utilização de instrumentos como entrevista semiestruturada aos sujeitos – professores alfabetizadores das séries iniciais do ensino fundamental – 1º e 2º ano, para posterior análise das informações e a partir dos estudos, leituras e resultados, apresentar uma proposta de intervenção frente aos dados obtidos. Como suporte teórico, trabalharemos com a fenomenologia com os estudos de Merleau-Ponty (2004). Emília Ferreiro (2000) e Magda Soares (2003) nos auxiliarão na compreensão sobre letramento e alfabetização, e Piaget (2010) será nosso suporte para a compreensão sobre a infância e as necessidades da criança para sua aprendizagem a partir da linguagem lúdica. Pretendemos com esse estudo, evidenciar as ações realizadas por professores alfabetizadores a partir das linguagens lúdicas para a criança, e pensar a partir dessas práticas e da reflexão sobre os desafios encontrados, outras e mais ações que possam cada vez mais subsidiar a ação pedagógica do professor alfabetizador.

**Palavras-chave:** Alfabetização e Letramento. Prática Pedagógica. Ludicidade.

## **Introdução**

Este Projeto de Pesquisa foi elaborado para o Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Mestrado Profissional, Área de Concentração: Formação de Educadores, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, apresenta como objeto de estudo, a ação dos professores alfabetizadores do Município de Aquidauana - MS, da Escola Municipal Erso Gomes, a partir de materiais lúdicos.

A fim de contextualizar o universo de pesquisa segue brevemente o relato do meu memorial formativo.

É relevante considerar que no tempo em que fui alfabetizada, os exercícios se davam pela repetição, sem contexto e sem função social. Não havia em sala de aula ambiente alfabetizador, as paredes eram sempre limpas, não podendo pregar nada nelas, nem algo preparado pela professora, nem a produção dos estudantes. As atividades não eram desafiadoras e aconteciam pela reprodução, folhas e mais folhas de letras, das famílias silábicas e de números também. Esses exercícios aconteciam com muita frequência e não havia nenhuma situação de problemática que pudesse remeter à função social do conteúdo que estava sendo estudado.

Já na graduação em Pedagogia, envolvia-me em projetos, cursos e oficinas que permeavam o tema da alfabetização, surgindo desde então um certo interesse nessa área. Um fato que considero importante e que foi o marco para direcionar meus estudos, foi quando iniciei minhas atividades enquanto professora de turmas de alfabetização, agora não mais como estagiária ou como monitora, via a responsabilidade em minhas mãos. Estava posto o desafio: como alfabetizar uma classe tão heterogênea, respeitando as singularidades e particularidades de cada estudante? O desafio agora não era a curto prazo, num mero desenvolver de um projeto, pois, tinha em minhas mãos um ano letivo pela frente e vidas que dependiam também de mim, da minha competência profissional para “desabrochar” num processo de formação eficaz, humanizado e sensível à necessidade e possibilidades da infância.

Todos os anos enquanto professora alfabetizadora, recebia e ainda recebo estudantes especiais inseridos no processo de inclusão, fato este que considero ter enriquecido minha prática pedagógica. Porém, ao término das aulas sempre me questionava se o que estava fazendo era correto a fim de atender as necessidades dos estudantes, muitas eram as indagações e na tentativa de minimizar tais aflições fiz a Pós-Graduação Lato – Sensu em

Educação Inclusiva, onde pesquisei a “Influência dos Recursos Pedagógicos no Processo de Ensino e Aprendizagem dos Estudantes Inclusos”.

A partir de então, comecei a confeccionar alguns recursos didáticos e inserir atividades lúdicas, não pensando apenas nos estudantes deficientes, mas sim em todos os que estavam inseridos no processo de alfabetização, a fim de buscar uma melhora no aprendizado das crianças. Com o passar do tempo fui percebendo que o processo de ensino e aprendizagem foi se tornando mais prazeroso, o envolvimento dos estudantes era visível e os resultados começaram a aparecer, positivamente.

Diante do exposto e para buscar uma formação de base sólida, o objetivo desse estudo é analisar a influência dos recursos didáticos utilizados na prática pedagógica do professor alfabetizador na perspectiva da alfabetização e letramento, refletindo a relação entre teoria e prática, reconhecendo, valorizando e resgatando o sentimento de infância por meio da ludicidade. Como suporte teórico, trabalharemos com a fenomenologia com os estudos de Merleau-Ponty (2004). Emília Ferreiro (2000) e Magda Soares (2003) nos auxiliarão na compreensão sobre letramento e alfabetização, e Piaget (2010) será nosso suporte para a compreensão sobre a infância e as necessidades da criança para sua aprendizagem a partir da linguagem lúdica.

Muitas são as pesquisas no campo da alfabetização e do letramento, entretanto, pretendemos com esse estudo, evidenciar as ações realizadas por professores alfabetizadores a partir das linguagens lúdicas para a criança, e pensar a partir dessas práticas e da reflexão sobre os desafios encontrados, outras e mais ações que possam cada vez mais subsidiar a ação pedagógica do professor alfabetizador.

### **Reflexões acerca da Alfabetização e Letramento à luz da Ludicidade**

A escola e, conseqüentemente o professor, marcam a vida da criança, positiva ou negativamente, principalmente no período inicial do processo de alfabetização, e o espaço da sala de aula precisa ser um ambiente que promove atividades de leitura e escrita significativas e úteis sem que nenhuma criança seja excluída. Organizar a sala de aula como um grande laboratório de textos, proporciona ao estudante momentos significativos – função social – dentro de um contexto.

Toda prática pedagógica é regida por uma sustentação didática e o professor é o profissional na técnica ou arte de ensinar e envolver as crianças, estimulando-as à

aprendizagem. O tempo é essencial na organização das atividades, isso envolve planejamento e o espaço deve ser organizado em função dessa atividade planejada, selecionando os materiais adequados para o que foi proposto, articulando-os com os objetivos de ensino e de aprendizagem, articulados às características e necessidades dos estudantes desde sua faixa etária, até as condições de aprendizagem.

A proposta não é apenas elencar conceitos de alfabetização e letramento, mas de propor reflexões que perpassam essas questões por meio de recursos lúdicos que poderão ser confeccionados pelos próprios professores e até com os estudantes, com materiais reaproveitáveis ou de baixo custo, a fim de promover um ensino de qualidade na escola pública.

O professor precisa saber os pressupostos que embasam sua prática e há uma verdadeira revolução quando se questiona não mais como ensina, e sim como a criança aprende. Mudanças surgem para responder as demandas sociais.

É válido ressaltar que mudanças vêm ocorrendo em todo o meio social e a escola tem demonstrado grande dificuldade em acompanhar tais mudanças. A organização da escola continua arcaica se comparada com a organização familiar, que antes tinha tempo para seus filhos e hoje são escravizadas pelo serviço e taxas, e por muitas vezes não consegue ou já não tem tempo para fazer a leitura de mundo.

O fato é que todos somos responsáveis por essa nova organização de escola e é primordial ao professor alfabetizador conhecer quais são os pressupostos e as implicações político pedagógicas dos processos de alfabetização e letramento; saber quem são os estudantes, quais são suas condições e como valorizam e compreendem a leitura e a escrita; conhecer os conteúdos e conhecimentos que devem ser ensinados em cada ano escolar.

Dessa forma, alfabetização e letramento são processos indissociáveis. O sucesso depende da infraestrutura, da organização do trabalho didático; do conhecimento do professor, e a formação é fator primordial; das condições materiais das instituições envolvidas, o que a escola oferece e o apoio da coordenação se faz presente, como também o envolvimento de todo o grupo escolar; e, da motivação dos estudantes e de seus familiares.

É fundamental que o professor domine o saber teórico do conhecimento profissional, porém este não é suficiente para as ações a serem praticadas. Assim, faz-se necessário competência para aplicar o discurso sobre a prática, permitindo um confronto entre teoria e prática.

Sabe-se que a prática do lúdico é um recurso dinâmico e importante por seu caráter motivador, ou pelo fato de que o ensino deve partir do concreto, pois dessa forma irá despertar no estudante o interesse e o gosto pelas atividades propostas. Os jogos são atividades lúdicas que vêm sendo trabalhadas pelos professores no cotidiano escolar, pois a utilização desses materiais, além de ser uma demonstração de respeito, considerando da criança, eles estimulam as múltiplas inteligências, permitindo que o aluno se envolva em tudo que esteja realizando de forma significativa.

Com o jogo, o professor passa para os estudantes valores éticos e morais, momentos em que contribuem para a formação de cidadãos conscientes e responsáveis, estimulando a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia, proporcionando o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção da criança, e especialmente respeitando e tratando de uma linguagem que é própria da compreensão da criança, que também aprende sem brincar, mas tem, a partir do brincar, seu direito garantido no processo de aprender.

Por meio da atividade lúdica e do jogo, a criança forma conceitos, estabelece relações lógicas, integra percepções, faz estimativas compatíveis com o crescimento físico e desenvolvimento, e o mais importante, vai se socializando, se interagindo com outras pessoas.

O professor ao trabalhar com jogos lúdicos em sala de aula, oferece subsídios para o desenvolvimento do pensamento e da capacidade de ação da criança sobre as possíveis situações de aprendizagem, possibilita a socialização, companheirismo, a afetividade e a construção do conhecimento.

O lúdico não está apenas no ato de brincar, está também no ato de ler e escrever, no apropriar-se da literatura infantil como forma de ampliação de seu mundo linguístico e desta forma, construindo sua compreensão de mundo. A criança vai lendo e vai descobrindo outros lugares por meio da leitura, onde seu vocabulário se enriquece cada vez mais.

Portanto, o jogo é considerado como um preparo da criança para a vida adulta. Por meio das brincadeiras e dos jogos lúdicos a criança aprende de forma prazerosa, e pode construir sua visão de mundo, seu modo de agir, de pensar e de falar.

Segundo Sibovitz (2008) o lúdico proporciona às crianças novas experiências, trabalha o conceito de ganhador e perdedor, reconhecendo-se como sujeito de situações diferentes no ritmo diário da vida, desenvolve sua organização espacial e amplia seu raciocínio lógico na medida em que as estratégias devem ser planejadas para poder obter um resultado satisfatório, e a partir dessas experimentações do mundo interno e externo ocorre a aprendizagem,

trabalhando a aceitação entre outros aspectos importantes para o desenvolvimento do educando enquanto sujeito importante de uma sociedade – enquanto cidadão.

## **Suportes Teóricos**

O processo de alfabetização começa antes mesmo do ensino formal, e o questionamento que fazemos é sobre o papel da escola, se ela tem cumprido seu compromisso de ensinar a ler e a escrever para além da decodificação de signos, mas para uma compreensão e leitura crítica de mundo? De que maneira se efetiva a prática do professor alfabetizador à luz da ludicidade? Muitas são as discussões no campo educacional acerca da alfabetização e também do letramento. Alfabetizar está ligado ao processo do letramento ou são procedimentos distintos?

A década de 80 foi a mais promissora no aspecto de discussões sobre a alfabetização. Destacamos os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky que defendem uma alfabetização contextualizada e significativa por meio das práticas sociais da leitura e da escrita para a sala de aula. Para Teberosky (1994) a formação de um vocabulário de palavras a partir das práticas sociais seria o principal referencial da criança para a descoberta do sistema alfabético. Essas autoras não falam em letramento, e sim em alfabetizar com textos.

Para nos tornarmos leitores utilizamos muitas estratégias, mesmo que de forma inconsciente, e uma preocupação que assola o chão da escola é que por muitas vezes ela cria um protocolo anti leitores, quando serve apenas para o professor ter o controle se os estudantes estão lendo ou não o texto.

É válido ressaltar que os professores são referências para os estudantes e a preparação dessas crianças para a leitura é muito importante, regatando e considerando o conhecimento prévio existente, explorando diferentes suportes textuais com significados, propiciando um caminho que leva ao conhecimento por meio da investigação e levantamento de hipóteses. Conhecer a natureza do texto favorece e facilita sua interpretação.

De acordo com Lerner (2002) cabe à escola favorecer uma aprendizagem significativa, deixando de lado atividades mecânicas e sem sentido, para isso, a escola precisa propiciar “a formação de pessoas capazes de apreciar a literatura e de mergulhar em seu mundo de significados, formando escritores e não meros copistas, formando produtores de escrita conscientes de sua função e poder social” (LERNER, 2002. p. 3) preparando os estudantes para a interpretação e produção dos diferentes tipos de textos presentes na sociedade.

Pesquisas no campo educacional apontam que o Brasil é um país reincidente no fracasso em alfabetização, desde a década de 80 até a atualidade não houve significativas mudanças diante desse quadro.

Magda Soares (1984), aponta algumas causas do fracasso escolar em alfabetização: ora no estudante; ora no contexto social do estudante; ora no professor; ora no método; ora no material didático; e finalmente, no próprio meio, o código escrito. A autora deixa claro que a alfabetização é um processo complexo “de uma multiplicidade de perspectivas, resultante da colaboração de diferentes áreas de conhecimento, e de uma pluralidade de enfoques, que envolve atores (professores e alunos) e seus contextos culturais, métodos, material e meios”. Fundamentada na autora supracitada, essa multiplicidade de perspectivas, bem como a pluralidade de enfoques, só trarão colaboração efetiva quando se “articulem em uma teoria coerente de alfabetização”, conciliando resultados e análises de diferentes áreas de conhecimento “de modo que se pudesse ter uma visão do ‘estado da arte’ na área da alfabetização” (SOARES, 1984, p. 2).

Diante dessa reflexão, a alfabetização também é vista como “um processo de compreensão/expressão de significados” e não apenas como a “habilidade de codificar a língua oral em escrita (escrever) e de decodificar a língua escrita em oral (ler)” (Soares, 1984, p.3).

Ler e escrever é muito mais que o domínio do código e é fundamental ao professor alfabetizador entender o que está por trás dos métodos, alguns autores tratam de métodos e outros de abordagens e processos de ensino e aprendizagem.

Segundo Soares (1984), a alfabetização na perspectiva sociolinguística é pouco trabalhada no Brasil, uma vez que se volta para a função social da língua, considerando o contexto em que ocorre.

Pesquisas demonstram que com o passar do tempo a alfabetização foi perdendo sua especificidade, talvez por um certo equívoco não se falavam mais em métodos para alfabetizar, como se isso fosse um erro, e o processo de ensinar a ler e a escrever foi ficando desprestigiado. Se antes existiam métodos sem teorias, hoje existem teorias sem métodos, quem sabe gerados por má interpretação, já que é preciso “um método fundamentado numa teoria e uma teoria que produza um método” (Soares, 2003, p. 3).

A escola é espaço preponderante nesse contexto, pois pode e é responsável por contribuir para o “conhecimento e o prazer de aprender, como ao contrário, pode cristalizar a ignorância, obscurecer” (SOLIGO, 2003, p.1).

Nesse contexto, a prática do professor precisa ser orientada no sentido de propor atividades para as crianças que contemplem os níveis de escrita, oferecer uma diversidade de suportes textuais vinculados à realidade da criança para formar o leitor e o escritor, apresentar desafios que sejam possíveis de resolução, e propor intervenções pedagógicas que os façam refletir, assim o ato de planejar é fundamental.

O professor desenvolve uma função não menos importante do que a dos pais na vida das crianças, pois depois da família a escola é o segundo ambiente que ela está inserida. O professor deve motivá-lo, propiciando que o estudante sinta prazer em aprender, não tendo a aprendizagem na escola como uma obrigação. Com isso o professor não pode se prender apenas ao conteúdo que deve ser passado e sim deve proporcionar atividades lúdicas, onde cria uma aproximação com os estudantes para que eles se sintam seguros e tenham prazer em aprender a partir de uma linguagem que é própria de sua idade e compreensão.

Assim, pode-se dizer que o lúdico é utilizado como recurso pedagógico em várias áreas de estudo oportunizando a aprendizagem do indivíduo, ou seja, o lúdico é um complemento para ajudar na compreensão dos conteúdos ministrados.

O lúdico não pode ser visto ou realizado de forma improvisada ou ocasional, sendo assim ineficaz. As atividades lúdicas devem ter sua finalidade e utilidade para serem aplicadas na prática, não devem ser aplicadas como brincadeiras para passar o tempo, e sim deve ser visto como um método sério para transmitir conhecimentos.

O lúdico passa de uma simples brincadeira para um instrumento importante do processo ensino e aprendizagem. Por meio da brincadeira, do concreto, a criança adquire com a ludicidade um raciocínio mais rápido, ou seja, aprende brincando. As crianças ao brincarem estão transformando a realidade em brincadeira, estão se interagindo com outras crianças e até mesmo com adultos.

Piaget citado por Duarte (2007. p.16), diz que “a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo assim indispensável à prática educativa”.

O lúdico, como se pode observar tem grande influência no processo de formação da criança no âmbito escolar, ele auxilia na compreensão dos conteúdos, na socialização dos estudantes e no desenvolvimento de suas competências e habilidades.

Emília Ferreiro (2000) teve grande contribuição no campo educacional focalizando em suas pesquisas a criança que não aprende. A criança é vista como um sujeito ativo e inteligente, que pensa e tem um conceito da palavra – o que chamamos de conhecimento prévio, que formula hipóteses e que procura sentido. Nesse sentido a aprendizagem da

alfabetização não se dá de fora para dentro. A autora remete que antes a preocupação estava na questão do analfabetismo, presente no discurso do governo e se concentrava na pobreza das grandes cidades, nas zonas rurais e na população indígena, ou seja, a penúria poderia ser vista como sinônimo de analfabetismo, que por sua vez a falta desse conhecimento dos pais poderia estar relacionado com o fracasso escolar de seus filhos.

São muitas as armadilhas no discurso oficial ‘luta contra o analfabetismo’, ‘batalhas contra o analfabetismo’, ‘erradicar o analfabetismo’, que vêm para reforçar o sentimento de inferioridade, de exclusão e marginalidade, gerando um reflexo de culpa, como se o sujeito analfabeto fosse responsável por essa carência. Cabe ressaltar que o conhecimento que o sujeito adquire está relacionado com o acesso que tem e ao meio ao qual está inserido, onde ele cresce e estabelece relações, por exemplo, a cultura do campo exige conhecimentos diferentes da cultura da cidade e é preciso que o poder público compreenda isso e as políticas educacionais sejam mais efetivas nesse sentido.

De acordo com Emília Ferreiro (2000) é preciso criar uma consciência política de que só será possível alcançar os objetivos educacionais quando modificar a própria concepção de alfabetização; e ainda, a escola pública está sendo deteriorada, tornando cada vez mais empobrecida e desatualizada, enquanto as escolas particulares multiplicam-se, não sendo muitas vezes sinônimo de qualidade.

Outro aspecto considerável é a contribuição de Emília Ferreiro (2000) com relação ao ambiente alfabetizador, quando a autora explicita a rede de atos de leitura e de escrita fazendo menção à classe média e à classe baixa, onde a primeira tem contato com diferentes suportes textuais, enquanto a segunda é desprovida desse contato devido suas condições familiares, o que significa que a escola precisa ter essa consciência de seu papel em trazer o acesso e a compreensão às crianças que não tem outras possibilidades e acessos fora da escola. A realidade está posta e cabe à escola fornecer à criança um ambiente rico, com variados gêneros e suportes textuais, oportunizando assim, um espaço de produção de sentido, ou seja, sua função social. Para isso é necessário ao professor problematizar situações de aprendizagem com atividades desafiadoras, fato este que requer domínio do que se acredita.

## Considerações Finais

Pretendemos com esse estudo, evidenciar as ações realizadas por professores alfabetizadores a partir das linguagens lúdicas para a criança, e pensar a partir dessas práticas e da reflexão sobre os desafios encontrados, outras e mais ações que possam cada vez mais subsidiar a ação pedagógica do professor alfabetizador.

O jogo e as atividades lúdicas devem ser utilizados como recursos pedagógicos com real importância no cotidiano escolar, pois contribuem com o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e moral das crianças, fazendo com que a escola seja um lugar mais interessante e prazeroso, ou que trabalhe as frustrações e perdas, onde os conteúdos ministrados sejam compreendidos pelos estudantes de forma significativa constituindo assim um mecanismo de estímulo da aprendizagem.

A ludicidade tem grande importância na formação dos educandos, e pode ser um recurso de muita contribuição no ensino da criança por se tratar de uma linguagem da infância, a linguagem lúdica, desde que tenha objetivos claros e definidos e que o planejamento e organização estejam presentes na ação do professor.

## Referências

DUARTE, Fernanda Hack. A visão de alguns teóricos sobre o lúdico. In: \_\_\_\_\_. **A Utilização do lúdico no ensino da matemática dentro do ensino fundamental**. Monografia. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campus de Aquidauana, Departamento de Educação, 2007.

FERREIRO, Emília. **Com todas as Letras**. Tradução de Maria Zilda da Cunha Lopes; retradução e cotejo de textos Sandra Trabucco Valensuela. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FRADE, Isabel C. A. da S. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas histórias e desafios atuais**. 1º ed. Santa Maria-RS, p. 21-40, 2007.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**. O real, o possível e o necessário. Porto Alegre. Artmed. 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **Conversas** - 1948. Organização e notas de Stéphanie Ménasé; tradução Fabio Landa, Eva Landa; revisão da tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SIBOVITZ, Tatiana. **O Lúdico na Aprendizagem**, 2008. Disponível em: <<http://tatiana-alfabetizacao.blogspot.com.br/2008/08/o-ldico-na-aprendizagem.html>> Acesso em: 20 jul. 2012.

SOARES, Magda. **As muitas facetas da Alfabetização**. Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no XVI Seminário da Associação Brasileira de Tecnologia Educacional – ABT, em Porto Alegre, de 4 a 9 de Novembro de 1984.

\_\_\_\_\_, Magda. **A reinvenção da Alfabetização**. Revista Presença Pedagógica, volume 9, n. 52, jul/ ago de 2003. Disponível em: [www.cereja.org.br/arquivos\\_upload/magda\\_soares\\_reinvencao.pdf](http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/magda_soares_reinvencao.pdf) Acesso em 23 de agosto de 2006.

\_\_\_\_\_, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. In: Trabalho apresentado no GT Alfabetização, Leitura e Escrita, durante a 26ª. Reunião Anual da ANPED. Poços de Caldas, de 5 a 8 de outubro de 2003.

PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 4ª ed. Editora LTC, 2010.

SOLIGO, Rosaura. **Variações sobre o mesmo tema – Letramento e alfabetização**. Publicado em ‘Letramento no Brasil’, organização de Vera Mazagão Ribeiro, São Paulo: Editora Global/ Instituto Paulo Montenegro/ Ação Educativa, 2003.